



PERFIL PASTORAL

Uma visão bíblica sobre o assunto.

Paulo Raposo Correia

Fevereiro de 2021

Rio de Janeiro – RJ

Perfil Pastoral

PAULO RAPOSO CORREIA

BLOG

PARE! LEIA! REFLITA! PRATIQUE!

www.pauloraposocorreia.com.br

E-Book

Perfil Pastoral
por Paulo Raposo Correia
© 2021 Paulo Raposo Correia

Reservados todos os direitos desta obra.
Proibida toda e qualquer reprodução por qualquer meio ou forma,
sem a permissão expressa do autor.

Capa:
Paulo Raposo Correia

Revisão e Editoração Eletrônica:
Paulo Raposo Correia

Dados para Catalogação

Correia, Paulo Raposo
Perfil Pastoral / Paulo Raposo Correia – Rio de Janeiro – RJ – Brasil, 2021

ISBN 978-65-00-19588-0

1. Teologia Pastoral. 2. Bíblia. 3. Título.

PERFIL PASTORAL

Esta publicação resgata um cuidadoso trabalho elaborado por uma comissão de onze presbíteros e um pastor (presidente de honra), da qual tive a oportunidade e o privilégio de participar, ainda que não contribuindo tanto quanto alguns ilustres companheiros com larga vivência na governança eclesiástica, homens capacitados por Deus e dignos de honra pela grande contribuição e significativo legado deixado para a igreja. O documento foi bastante enriquecido, pois levou em consideração as informações coletadas junto às lideranças da igreja, em reuniões específicas, gerando solidez e aproximação da realidade vivida pela igreja. Tomei a liberdade de incluir, na primeira parte desta publicação, um material de minha inteira autoria para aprofundar ainda mais o estudo deste relevante assunto. Sempre que necessário o texto será atualizado e a data da revisão mencionada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
PARTE 1 – REFLEXÕES SOBRE O PASTOR.....	7
1. O DESAFIO DA ESCOLHA DE UM PASTOR.....	7
1.1. A QUESTÃO DO PORTE DA IGREJA	9
1.2. A QUESTÃO DA ADMINISTRAÇÃO ECLESIAÍSTICA.....	13
1.3. A QUESTÃO DA DEPENDÊNCIA PASTORAL	13
1.4. A QUESTÃO DE AGRADAR A MEMBRESIA.....	16
2. O PASTOR DIFERENCIADO	17
2.1. ASPECTOS BASILARES	18
2.2. DESEMPENHO NO PÚLPITO (50% OU PESO 5).....	18
2.3. RELACIONAMENTO INTERPESSOAL (25% OU PESO 2,5).....	19
2.4. GESTÃO ADMINISTRATIVA E OPERACIONAL (15% OU PESO 1,5).....	19
2.5. OUTROS (10% OU PESO 1).....	19
3. TIPOS DE PASTOR.....	21
3.1. A “PARÁBOLA DO PASTOR SAMARITANO”	21
3.2. PASTORES AUTÊNTICOS	25
3.3. PASTORES LIMITADOS	26
3.4. PASTORES REPULSIVOS	33
3.5. PASTORES E LOBOS	35
PARTE 2 – O PERFIL DO PASTOR	37
4. PRINCÍPIOS BÍBLICOS DO MINISTÉRIO PASTORAL	38
4.1. PASTOR - REFERÊNCIAS BÍBLICAS	38
4.2. PASTOR – PESSOA VOCACIONADA.....	39
4.3. PASTOR – QUALIFICAÇÃO NEOTESTAMENTÁRIA.....	39
4.4. PASTOR – MISSÃO BÍBLICA NEOTESTAMENTÁRIA.....	40
4.5. PASTOR – VIRTUDES BÍBLICAS	41

PERFIL PASTORAL

5. PRINCÍPIOS CONSTITUCIONAIS DO MINISTÉRIO PASTORAL	43
.....	
5.1. O CHAMADO DE DEUS	44
5.2. AS RESPONSABILIDADES CONSTITUCIONAIS DO PASTOR	44
6. O PASTOR “SEGUNDO O CORAÇÃO DE DEUS”	46
6.1. ASPECTOS LITÚRGICOS E DOCTRINÁRIOS	46
6.2. ASPECTOS DA GESTÃO ECLESIAÍSTICA E DA ADMINISTRAÇÃO	50
6.3. ASPECTOS DAS CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PASTOR	53
CONCLUSÃO	55

INTRODUÇÃO

Esta publicação está dividida em duas partes. A primeira tem por objetivo provocar uma série de reflexões sobre a figura do pastor, o porte da igreja e a escolha de um pastor. A explicitação dos vários tipos de pastor será útil para a compreensão da realidade. A segunda parte da publicação é a apresentação de um documento elaborado por uma comissão de eleição pastoral da qual participei. Essencialmente foi reproduzido aqui o conteúdo do produto elaborado pela comissão. Foi necessário fazer pequenos ajustes em alguns títulos e textos, para adequá-los ao meu próprio estilo e para tornar o documento mais genérico, portanto aplicável a qualquer igreja preferencialmente presbiteriana. Por respeito ao cuidadoso trabalho elaborado pela comissão, procurei preservar ao máximo o texto original: *“Onde não há conselho fracassam os projetos, mas com os muitos conselheiros há bom êxito.”* (Pv 15.22)

PARTE 1 – REFLEXÕES SOBRE O PASTOR

É importante ressaltar que o ofício de Presbítero ou Ancião ou Bispo ou Pastor (1Pe 5.2) é diferente do Dom de Pastor (Ef 4.11).

O significado de “ofício” é o mesmo de profissão, ou seja, “Profissão é um trabalho ou atividade especializada dentro da sociedade, geralmente exercida por um profissional. Algumas atividades requerem estudos extensivos e a masterização de um dado conhecimento, tais como advocacia, biomedicina ou engenharia, por exemplo. Outras dependem de habilidades práticas e requerem apenas formação básica (ensino fundamental ou médio), como as profissões de faxineiro, ajudante, jardineiro. No sentido mais amplo da palavra, o conceito de profissão tem a ver com ocupação, ou seja, que atividade produtiva o indivíduo desempenha perante a sociedade onde está inserido.”¹

Já o significado de “dom” pode ser expresso na sociedade como aquela capacitação ou talento natural; e, na igreja, como aquela capacitação ou habilidade especial concedida pelo Espírito Santo, “... com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo,” (Ef 4.12). O que o apóstolo Paulo menciona em Efésios são os cinco dons ministeriais, dons que concedem capacitação sobrenatural para o exercício dos ministérios: Apóstolo / Profeta / Evangelista / Pastor / Mestre.

1. O DESAFIO DA ESCOLHA DE UM PASTOR

Na minha modesta bagagem eclesial carrego a experiência de ter vivenciado três sucessões pastorais; a primeira numa igreja batista e as outras duas numa igreja presbiteriana.

¹ Wikipédia

Tive a oportunidade de frequentar assiduamente uma igreja batista por um pouco mais de dois anos. O pastor daquela igreja de médio porte era um tanto quanto diferenciado, tinha um desempenho acima da média. Sua direção dos cultos era firme, buscava entregar a Deus um culto avivado, com muito louvor. Sua pregação era impactante, trazendo sempre um conteúdo evangelístico e edificante. Não o conhecia profundamente, mas tenho a convicção de que ele não era perfeito. Um dia fui surpreendido com o anúncio de que ele deixaria aquela igreja para assumir outra. O vice-Presidente da igreja assumiu a condução do processo de sucessão pastoral. Percebi a preocupação da liderança de produzir um perfil que pudesse balizar a escolha do novo pastor. Finalmente, o novo pastor foi escolhido; um homem de Deus, talvez atendendo a muitos aspectos do tal perfil, porém, minha percepção foi de que ele não era tão carismático e diferenciado quanto o seu antecessor.

Minhas outras duas experiências foram numa igreja presbiteriana de grande porte, desta vez como membro e participante do Conselho da igreja. Da mesma forma, havia ali um pastor carismático muito amado pela igreja, que chegara ao final do seu ministério pastoral efetivo e partia para a jubilação (uma espécie de aposentadoria compulsória aos 70 anos). Da mesma forma, o Conselho da Igreja assumiu a condução da sucessão pastoral e nomeou uma comissão para trabalhar o assunto. Logo surgiu no planejamento das ações a decisão pela elaboração de um perfil do pastor que a igreja aspira. As diversas lideranças da igreja foram ouvidas e o perfil estabelecido, essencialmente conforme descrito na Parte 2 desta publicação. A sucessão pastoral de um pastor carismático que conduziu uma igreja de grande porte, por mais de trinta anos, é muito mais complexa do que se possa imaginar. As preferências pessoais se misturam com interesses diversos e o processo não fica nada simples. O fato é que o novo pastor foi eleito; um homem de Deus, e este conduziu a igreja por um mandato de três

anos. Por uma decisão do Conselho, perfeitamente alinhada com suas atribuições constitucionais, esse pastor de almas não foi indicado à Assembleia da Igreja com vistas a um novo mandato. As razões e motivações de tal decisão são do foro íntimo de cada membro do Conselho que tomou aquela decisão histórica.

Um novo processo de sucessão pastoral foi iniciado, o perfil pastoral já estava pronto e era recente, mas parece que desta vez não foi considerado tão relevante assim, já que prevaleceu a ideia de se fixar em nomes. Naturalmente que, de alguma forma, aquele perfil já estava no subconsciente dos membros do Conselho, pelo menos em linhas gerais. E, desta forma, pela graça e misericórdia de Deus, chegou-se ao nome escolhido e a igreja elegeu outro homem de Deus, um pastor de almas para conduzi-la.

Tendo em vista enriquecer a reflexão sobre um assunto tão desafiador e complexo, sugerimos a apreciação das seguintes questões:

1.1. A questão do porte da igreja

a) O que Deus planejou para a liderança e governo da sua igreja?

Tudo começou com o “Seminário de Jesus” treinando e preparando os apóstolos para a era da igreja. Os apóstolos foram treinados pelo Mestre dos mestres, com aulas teóricas e práticas insuperáveis.

Na segunda fase do planejamento divino, tudo isso foi potencializado no Pentecostes, com a unção e capacitação dos apóstolos e dos primeiros discípulos pelo Espírito Santo. Também o apóstolo Paulo foi chamado e designado por Deus para fortalecer o grupo.

Na terceira fase, a liderança da igreja foi assumida apenas por presbíteros, eleitos em cada igreja local, sempre no plural (At 14.23). Os primeiros foram instruídos, pessoalmente, pelos apóstolos, e pelas cartas doutrinárias ou epístolas que percorriam as igrejas, pois as Escrituras do NT ainda estavam sendo escritas.

b) As características das igrejas locais do primeiro século.

A simples leitura do NT nos mostra que tais igrejas locais:

(i) Se reuniam com simplicidade nos espaços e locais onde pudessem ser acomodados, até mesmo nas casas (Rm 16.5; 1Co 16.19; Cl 4.15; Fm 1.2).

(ii) Naturalmente começaram com poucos membros e foram crescendo dia após dia.

(iii) Tinham governo próprio e independente, porém com o compromisso de manter a doutrina: *“E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.”* (At 2.42)

(iv) Também estavam comprometidas com evangelismo, missões e ação social.

c) Os desafios das igrejas locais de ontem, de hoje e de sempre.

Enquanto o número de membros é pequeno, a organização e governo da igreja local é mais simples. Na medida que o grupo local cresce, dois caminhos podem ser trilhados. O primeiro é o de dividir o grupo, formando novas igrejas locais, o que possibilitará manter a simplicidade de organização e governo. O desafio desse caminho é encontrar um novo espaço e convencer parte do grupo a migrar para

a nova igreja local. O segundo caminho é manter todo o grupo junto e partir para um novo espaço, capaz de acomodar o grupo atual e com folga suficiente para receber muitos outros membros, no caso do espaço atual não poder ser ampliado. O desafio desse segundo caminho passa a ser organização, administração e governo de uma igreja tão numerosa. Para dar conta de tudo isso, é preciso criar uma estrutura de pessoal para cuidar das questões administrativas e atividades meio da igreja. Por outro lado, é preciso estabelecer uma estrutura de pessoal para orientar e liderar a atividade fim da igreja.

Na história da igreja, ambos os caminhos ou modelos têm sido trilhados ou adotados. Isso tem gerado dois grandes e permanentes desafios para a Igreja de Cristo, a saber:

1º) Manter as igrejas locais no trilho da sã doutrina bíblica, considerando a multiplicidade de igrejas locais e de líderes.

2º) Manter uma estrutura de pessoal e liderança que dê conta de todas as demandas “materiais” e “espirituais” de uma igreja local mais numerosa.

O que parecia tão simples: um só Deus e Pai; um só Mediador e Salvador, Jesus Cristo; um só Espírito Santo, unindo, unindo e capacitando todos os remidos; uma única igreja, a de Cristo; com um só livro, a Bíblia, Única Regra Infalível de fé e prática; sim, o que parecia tão simples tem se tornado um grande desafio de unidade.

Entendo que, por conta disso e com a vontade permissiva de Deus, surgiram as denominações, tentando, cada uma, estabelecer sua solução para esses dois grandes desafios. Cada uma, então, apresenta a sua própria visão doutrinária da Bíblia e sua forma de governo (Episcopal, Presbiteral e Congregacional).

As pequenas igrejas não teriam dificuldade para manter o modelo de liderança da igreja primitiva, através de presbíteros. Aliás,

no mundo inteiro, ainda hoje existem muitas igrejas locais que seguem esse modelo, isto é, são lideradas por presbíteros e não têm a figura de um pastor como oficial líder. Certamente esses líderes deveriam ter o preparo necessário para o exercício do ofício, ou seja, atender as qualificações neotestamentárias estabelecidas. Entretanto, parece que já no segundo século da igreja surgiu a necessidade de líderes de igrejas locais que dedicassem mais tempo ao ministério eclesiástico. Afinal, os presbíteros tinham suas famílias e suas obrigações de trabalho secular para sustentá-las. É, assim, que surgem os pastores das igrejas locais para assumirem maior responsabilidade de liderança, compartilhando o governo da igreja com os presbíteros, dependendo da forma de governo adotada. É interessante verificar a defesa de Paulo a favor do sustento dos que vivem para o evangelho (1Co 9.1-14).

d) O pastor e o porte da igreja

No mundo corporativo, estudos comprovam sobejamente que nem todas as pessoas são capazes de liderar. Entre os que são capazes de liderar, nem todos têm estrutura psicológica e emocional para liderar grupos com qualquer quantidade de pessoas. Será que isso vale para o mundo eclesiástico? Sabemos que Deus é quem chama e capacita os líderes da sua igreja. De qualquer forma entendemos que o aspecto da limitação humana não deve ser ignorado, evitando-se assim a incidência de *burnout*.

Assim sendo, se considerarmos igreja de “pequeno porte” (com até 200 membros), de “médio porte” (com 200 a 1000 membros) e de “grande porte” (com mais de 1000 membros), devemos levar em conta que, humanamente falando um pastor que conduza bem uma igreja de pequeno porte não necessariamente terá estrutura psicológica e emocional para conduzir uma igreja de grande porte.

1.2. A questão da administração eclesial

Parece bastante óbvio que a vocação e chamado do pastor é para um ministério espiritual e dedicado a pessoas. Quando da instituição embrionária do ministério diaconal (Atos 6) há um precioso ensino neste sentido, quando os apóstolos concluem: “e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra.” (At 6.4). Sem dúvida essa é, ou deve ser, sua principal área de atuação.

Entretanto, principalmente em igrejas de médio e grande portes, a administração ou gestão eclesial tem sua importância. Desta forma, é interessante que o pastor tenha um certo preparo e uma visão geral sobre o assunto. O pastor inteligente, sensato e não centralizador saberá se valer de membros do Conselho e da comunidade, com real expertise para tratar eficazmente dessa área administrativa. Isso é ótimo para o pastor e significativo para a membresia da igreja que se sentirá útil, valorizada e participativa! “Tomei, pois, os cabeças de vossas tribos, homens sábios e experimentados, e os fiz cabeças sobre vós, chefes de milhares, chefes de cem, chefes de cinquenta, chefes de dez e oficiais, segundo as vossas tribos.” (Dt 1.15)

1.3. A questão da dependência pastoral

“A síndrome de *Burnout*, ou síndrome do desgaste profissional, é uma situação caracterizada por exaustão física, emocional ou mental que surge geralmente devido ao acúmulo de estresse no trabalho ou relacionado aos estudos, e que ocorre com mais frequência em profissionais que têm que lidar com pressão e responsabilidade constante, como professores ou profissionais de saúde por exemplo.”² O ofício pastoral certamente se enquadra nessas atividades ocupacionais que facilmente podem levar ao *Burnout*. E,

² Internet

por que isso acontece? Em grande parte, por conta da exacerbada dependência pastoral por parte da membresia.

Em vez de desenvolver uma forte e íntima comunhão com Deus através da oração, em vez de se abastecer diariamente por meio da sua palavra, em vez de investir numa vida de proximidade e dependência de Deus, muitos crentes se mantêm como recém nascidos espirituais e completamente dependentes do seu pastor. É como diz o escritor aos hebreus: *“Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim, vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido.”* (Hb 5.12). E o apóstolo Paulo acrescenta: *“Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnis.”* (1Co 3.2). Para tais pessoas, somente a oração do pastor tem poder, somente a pregação do pastor tem valor. Não se dão conta de que o Espírito Santo foi derramado sobre todos os remidos, distribuindo seus dons aos crentes. A pessoa não é capaz de tomar uma decisão sem consultar o pastor e, assim, o sobrecarrega. Os verdadeiros pastores não se agradam dessa infantilidade e dependência espiritual, pelo contrário, esperam e desejam que todos cresçam e amadureçam na fé e no conhecimento, evangelizem e sirvam de suporte uns aos outros. É bom deixar claro a importância e valor da oração, da pregação e do aconselhamento pastoral; o valor do ministério de homens vocacionados e capacitados na interpretação bíblica e na teologia. Longe de nós deixar de reconhecer tão relevante ministério.

É preciso volver nosso olhar para a igreja primitiva, na qual apóstolos e presbíteros mantinham certa paridade entre si e lideravam a igreja. *“Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda coparticipantes da glória que há de ser revelada.”* (1Pe 5.1). O apelo é dirigido “aos presbíteros que há entre vós”. A igreja neotestamentária era governada e pastoreada

pelos presbíteros, que, por sua vez, eram auxiliados pelos diáconos. Os presbíteros eram os oficiais da igreja que se dedicavam prioritariamente à pregação, ao ensino da Palavra e à oração; enquanto os diáconos cuidavam em atender às necessidades materiais dos santos (At 6.2-4). E, todos os crentes, inclusive presbíteros e diáconos, tinham a responsabilidade e privilégio de testemunhar, falar da salvação em Jesus e, além disso, de praticar o amor e procurar com zelo os dons espirituais (1Co 14.1) para serem aplicados no serviço cristão: *“... com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo,”* (Ef 4.12). A expressão *“que há entre vós”*, isto é, os presbíteros nas diversas igrejas locais para as quais a epístola foi escrita (1Pe 1.1), nos revela a normalidade do uso de tal ofício. Paulo, o apóstolo dos gentios e responsável pela organização da maioria dessas igrejas locais, não descuidava desse importantíssimo aspecto: *“E, promovendo-lhes, em cada igreja, a eleição de presbíteros, depois de orar com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido.”* (At 14.23); *“Por esta causa, te deixei em Creta, para que pusesse em ordem as coisas restantes, bem como, em cada cidade, constituísse presbíteros, conforme te prescrevi:”* (Tt 1.5). Ressalte-se a preferência pela pluralidade de oficiais presbíteros em cada igreja. De certa forma, isso tinha em vista a garantia de continuidade e da ordem institucional e eclesiástica.

O Conselho e a igreja precisam zelar pela eleição de presbíteros que possam ombrear com os pastores no pastoreio da igreja, aliviando sua carga. E o apóstolo Pedro complementa: *“pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade;”* (1Pe 5.2). E, os presbíteros, também precisam sair da sua zona de conforto e dependência do pastor e investir no seu crescimento espiritual; ler livros, fazer cursos etc.

1.4. A questão de agradar a membresia

Qual deve ser o nosso foco quando temos que escolher ou eleger um pastor para a igreja? O pastor que agrada a igreja ou o pastor que agrada a Deus. O pastor que a igreja gosta ou o pastor que a igreja precisa?

Meu caráter cristão evangélico foi moldado num ambiente cristão que reforçava a todo instante que Deus é AMOROSO E MISERICORDIOSO e ao mesmo tempo SANTO e JUSTO. Como santo que é, ele requer dos seus filhos santidade de vida e de culto. Ele disse a Abraão *“Anda na minha presença e sê perfeito”* (Gn 17.1) e repetiu através de Jesus (Mt 5.48). Aprendi desde cedo que há dois lugares santificados que merecem constante vigilância de nossa parte para que sejam guardados imaculados: o nosso corpo e a igreja, ambos Templos do Espírito Santo. Por extensão, a nossa residência e o edifício – lugar que consagramos para a adoração coletiva ao Senhor – devem ser preservados de toda a contaminação do mundo. Até aqui, nenhuma novidade, certo? A difícil tarefa com a qual todo crente sincero se depara continuamente é a de discernir, a cada momento, se ainda está tão puro diante do Senhor ou se já cedeu às pressões e influências do ambiente pagão que nos cerca. Muitas vezes e com as melhores intenções acabamos cedendo espaço a coisas que hoje parecem ser tão mínimas e inofensivas, porém, com o passar do tempo, se transformam em problemas graves que impedem o crescimento da igreja e cortam a nossa comunhão com Deus.

O pastor é aquele guia designado por Deus para zelar pelas nossas almas, pela nossa integridade espiritual. Neste ponto a situação fica mais complexa. Será que ele vai querer agradar a todos, fazendo vista grossa a condutas, comportamentos e práticas pecaminosas; ou irá preferir agradar a Deus, denunciando o pecado, exercendo disciplina, ainda que tendo em vista levantar o caído? Será que sua maior preocupação será a de conquistar votos para a sua reeleição,

deixando a coisa correr mais frouxa, ou a de manter a pureza da noiva de Cristo – a igreja? Será que ele vai agir igualmente com todos os membros ou privilegiar os mais abastados, inclusive tolerando certas condutas pecaminosas, para não correr o risco de enfrentar a situação e perder na receita de dízimos e ofertas?

2. O PASTOR DIFERENCIADO



Por que alguns pastores se destacam mais do que outros? Por que estes atraem multidões de seguidores? O que há neles que os diferencia tanto dos demais?

“Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.” (Mt 7.28-29)

Jesus é o nosso supremo referencial de Pastor e Mestre. Ele é o nosso Bom Pastor (Jo 10.11, 14); o Grande Pastor (Hb 13.20); e, o Supremo Pastor (1Pe 5.4). Sua presença física e a forma como se expressava eram diferenciadas. A forma como falava e o conteúdo criativo e impactante da sua fala eram diferenciados. A unção e poder espiritual que estavam sobre ele e sua autoridade espiritual eram diferenciadas.

2.1. Aspectos Basilares

É fundamental que um pastor de almas seja um servo vocacionado e chamado pelo Senhor para o ministério. Precisa ser um homem de Deus, que viva em estreita comunhão com o Senhor e alicerçado na sua Palavra, nela meditando dia e noite. Não basta conhecê-la, precisa ser um fervoroso praticante. Precisa ser alguém íntegro em seu caráter e ter uma família bem estruturada. Precisa ter domínio próprio e equilíbrio em suas atitudes. Precisa ser amoroso e ter cheiro de ovelha. É desejável que também tenha uma boa cultura geral, domine bem a língua portuguesa, porém, acima de tudo precisa atender às qualificações necessárias aos presbíteros encontradas em 1Timóteo 3.1-7 e Tito 1.5-9.

Considerando que os aspectos basilares citados resumidamente acima são os minimamente necessários a um pastor, que outros aspectos contribuem para fazer a diferença entre os pastores proeminentes e os demais pastores? Na minha humilde opinião, o que caracteriza um grande pastor de almas e que estabelece um diferencial entre um “pastor de ponta ou um pastor proeminente” e os “pastores comuns”, sem nenhum demérito a estes, está diretamente relacionado ao seu desempenho, nas seguintes áreas e com os respectivos graus de importância citados. Considerando o percentual de zero a 100% ou uma escala de zero a 10, teremos a seguinte distribuição:

2.2. Desempenho no Púlpito (50% ou peso 5)

Entenda-se “púlpito” como sua habilidade de comunicação, conhecimento teórico e prático do assunto e unção espiritual na exposição da mensagem: no culto, nas reuniões das sociedades internas, nas aulas da EBD, nas reuniões de Estudos Bíblicos, nos eventos especiais da igreja, nas celebrações de casamentos etc.

2.3. Relacionamento Interpessoal (25% ou peso 2,5)

Entenda-se aqui sua habilidade em se relacionar com a igreja e visitantes: atendimento em gabinete, visitação, aconselhamento, acolhimento de visitantes, gestão de pessoas etc.

2.4. Gestão Administrativa e Operacional (15% ou peso 1,5)

Entenda-se aqui sua habilidade de agregar e extrair o melhor das lideranas internas especializadas, estabelecendo estruturas organizacionais eficazes, definindo, implementando e mantendo as melhores práticas e procedimentos na igreja. Um bom gestor não é aquele que faz tudo, mas o que faz fazer. Jesus não se envolvia pessoalmente com certas questões administrativas e operacionais, por exemplo: *“Jesus, pois, enviou Pedro e João, dizendo: Ide preparar-nos a Páscoa para que a comamos.”* (Lc 22.8)

2.5. Outros (10% ou peso 1)

Enquadra-se aqui sua habilidade para atender a todas as demais demandas do seu ofício.

Destaques:

Percebe-se, portanto, que as duas primeiras áreas são de fundamental relevância para o pastor e para a igreja: Desempenho no “Púlpito” e Relacionamento Interpessoal!

Um desempenho no **púlpito** acima da m dia, requer a presena dos seguintes pontos fortes, dentre outros: boa dico e bom timbre de voz; domínio da língua portuguesa; emoo, empolgao e alegria na exposio; equilíbrio; conhecimento do assunto e sabedoria na aplicao; consistência bíblica com criatividade; pregao da

Palavra e não de teologia ou filosofia; tratar o auditório com proximidade e de forma amorosa (por exemplo, usar a expressão “amados” e “irmãos” o que inclusive é recorrente no NT); cativar a atenção; não ficar muito preso e dependente da leitura de suas anotações; usar boas ilustrações.

Um desempenho no **Relacionamento Interpessoal** acima da média requer que o pastor tenha vocação para lidar com pessoas. Na análise de perfis gerenciais no mundo corporativo, por exemplo, é de domínio público que há líderes mais voltados para a relação interpessoal (ex.: psicólogos, vendedores) e outros mais voltados para a execução de tarefas (ex.: engenheiros). Uns têm mais habilidade para lidar com pessoas e outros com coisas. Os líderes tops e não muito abundantes no mercado são aqueles que conseguem ser igualmente hábeis, tanto na execução de tarefas, como no relacionamento interpessoal. Esses três tipos de pessoas são muito importantes para a sociedade, principalmente se estiverem atuando nas áreas certas. Os pastores cuidam de gente e, assim, precisam ter vocação e bom desenvolvimento na área do relacionamento interpessoal.

Finalmente, precisamos nos lembrar do seguinte:

Membros de igrejas que tem a forma de governo presbiteral, que elegem pastores, precisam:

a) Se dar conta da importância de sua escolha, expressa no seu voto, para o futuro da sua igreja.

b) Avaliar com atenção os aspectos acima mencionados, para votar com a consciência tranquila diante de Deus e dos homens.

c) Orar em todo o tempo, se possível, com jejuns, para que o Senhor ilumine sua mente e coração, bem como toda a igreja.

Na vida fazemos muitas escolhas. Escolhemos com quem namorar ou casar, onde morar, onde estudar, que profissão seguir, onde trabalhar, para onde viajar. Através do nosso voto escolhemos nossos representantes no legislativo municipal, estadual e federal; bem como nossos governantes no executivo municipal, estadual e federal. Na igreja presbiteriana escolhemos nossos diáconos, presbíteros e pastores. Para cada escolha dessas há determinados aspectos a considerar. Quando escolhemos o pastor de uma igreja temos que tomar muito cuidado com os aspectos acima mencionados. Jamais podemos nos deixar levar por aspectos como: raça, cor, parentesco, amizade, a facilidade de obtenção de um cargo futuro, dentre outros. Portanto, é de extrema importância levar em conta apenas o que for melhor para o todo, para a igreja toda; para a expansão e solidez da igreja.

“Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós...” (At 15.28). Que assim continue sendo, afinal, o Deus é o mesmo, o Espírito Santo nos foi concedido, a igreja é do Senhor Jesus e a sua voz se fará ouvir através das nossas próprias vozes e escolhas! Que Deus tenha misericórdia de nós e nos ilumine em cada decisão que precisarmos tomar!

3. TIPOS DE PASTOR

3.1. A “parábola do Pastor Samaritano”

A “parábola do Pastor Samaritano” é um escrito da minha lavra (2009) que ilustra três tipos de pastor.

“Então lhe disse: Vai, e procede tu de igual modo.” (Lc 10.37b)

Então lhes contou a seguinte parábola: Certo grupo de ovelhas havia se separado do rebanho e pastava próximo a estrada que desce

de Jerusalém para Jericó. Casualmente descia um homem negociante por aquele mesmo caminho e, vendo-as, aproximou-se, porque percebeu haver ali uma oportunidade de lucro. Passou ele a saquear aquele pequeno rebanho, comendo da sua gordura, vestindo-se de sua lã e fazendo lucro com os mercadores que passavam naquele caminho. Apascentava a si mesmo e não às ovelhas. A ovelha fraca não fortalecia, a doente não curava, a quebrada não ligava, a desgarrada e perdida não buscava e não trazia de volta. Consumido pela fome da terra, pelas feras do campo e pelo descaso daquele homem, o pequeno rebanho se enfraquecia e minguava. Assim, dominava sobre elas com rigor e dureza até o dia em que foi morto e despedaçado por uma raposa faminta que o atacou. Tempos depois, semelhantemente, um religioso descia por aquele lugar e, vendo aquele pequeno rebanho abandonado, aproximou-se com reservas para avaliar o que podia ser feito. Com seu pudor e vaidade exacerbados não se aproximava muito por causa do cheiro das ovelhas. Muito menos ousava tocá-las para limpar-lhes as feridas e ligar as quebradas. Às fracas e doentes não fazia chegar à boca alimento e água. Preferia manter-se numa atitude de contemplação daquele quadro que estava ali, diante dos seus olhos, elaborando lições de vida que pudesse compartilhar, mais tarde, com os religiosos e a sociedade. Não pensava em ficar ali muito tempo e rogava aos céus que viesse outro para assumir o seu lugar. Foi assim que, distraído com suas elucubrações sobre a religião e a dor da criatura foi tomado de assalto por um lobo faminto e morreu. Certo samaritano, que seguia o seu caminho, vendo aquele pequeno rebanho desamparado, fraco e doente, compadeceu-se dele. Apressando-se, chegou perto e, apeando do seu cavalo, começou a cuidar de todas as ovelhas. Examinando-as, uma a uma, fazia conforme a situação o exigia. Assim, tomando do vinho e do óleo que trazia, limpava e aplicava sobre os ferimentos delas. As fracas e doentes, tomou em seus braços e carregou para a sombra das árvores, fazendo-lhes chegar à boca alimento e água. As menos debilitadas levou para pastagens próximas. Assim fazendo, cotidianamente, o pequeno rebanho foi rapidamente revitalizado. Então levou-as para

um lugar seguro, fazendo-as pastar em pastos verdejantes e chegar às águas claras e tranquilas. O rebanho estava agora protegido e saudável e, começou a se multiplicar. Aconteceu que, passado algum tempo, cuidando aquele samaritano daquele rebanho como quem cuida para o proprietário das ovelhas, a quem tem que prestar contas, chegou até ali um poderoso proprietário de terras e de gado, vindo de Jerusalém, a procura das suas ovelhas extraviadas. Sabedor de que suas ovelhas estavam sendo cuidadas pelo samaritano foi ao seu encontro. Quando o samaritano o avistou, também dirigiu-se ao encontro do proprietário e, aproximando-se, lhe relatou a situação em que encontrou e o que fez pelo rebanho desgarrado e que estava pronto a entregar-lhe as ovelhas, sem exigir qualquer recompensa em troca. O proprietário admirou-se sobremaneira ao ouvir o relato do samaritano e sua liberalidade. Então, com grande alegria, o convidou para ir com ele, a fim de pastorear, não apenas aquele pequeno rebanho, mas todo o rebanho de onde aquelas ovelhas haviam se desgarrado. E, assim, caminharam juntos na direção de Jerusalém.

Estando, com eles, à parte lhe perguntaram o significado da parábola. Então, passou a interpretá-la, dizendo: Nunca percam de vista que parábolas são narrações alegóricas com o propósito de destacar aspectos importantes, verdades que edificam ou que alertam os ouvintes ou leitores e que devem ser fixados na memória destes. Na sua interpretação, não tentem procurar ou produzir doutrinas dos seus detalhes. Muitos desses detalhes servem apenas para compor e dar sentido a estória ou história apresentada. O foco nesta parábola é o pequeno rebanho e os seus três “pastores”. O pequeno rebanho pode ser uma igreja local. Os três homens, seus líderes ou pastores. Assim sendo, temos aqui três tipos de liderança, representados por cada um dos homens da parábola:

1º) PASTORES MATERIALISTAS: São eles orientados pelo conceito: O QUE É TEU É MEU, SE EU PUDER TIRAR DE VOCÊ! O foco destes está no conforto e nos bens materiais. São negociantes da

fé: usam a fé para auferirem lucros materiais. Preferem estar no foco dos holofotes a estarem à sombra da Cruz. Preferem dirigir igrejas-empresas à igrejas-comunidades. São pastores que apascentam a si próprios e preenchem bem as características dos falsos pastores descritas em Ezequiel 34.1-10 e, retratadas, nas atitudes do primeiro homem da parábola. Em nome de Deus e usando a Bíblia chegam quase a ameaçar as ovelhas, coagindo-as a dar ofertas e dízimos, sem prestarem contas do que é feito com esses recursos. Outros preferem o discurso da prosperidade utópica, enquanto vão enchendo suas contas bancárias com moeda bem REAL e outras moedas também. Abram bem seus olhos, ovelhas!!!

2º) PASTORES RELIGIOSOS: São eles orientados pelo conceito: O QUE É MEU É MEU E O QUE É TEU É TEU! Enquanto o tipo anterior vive para o material, este tipo se fixa na religiosidade e na espiritualidade, no conhecimento e na teoria, na teologia contemplativa. Alienado do mundo que o cerca, se esconde das ovelhas, imerso no seu próprio mundo intelectual e celibatário. Estes também não têm o DNA de pastor. Não gostam do cheiro do povo de Deus. Não gostam de chegar junto.

3º) PASTORES SAMARITANOS: São eles orientados pelo conceito: O QUE É MEU É TEU, SE VOCÊ PRECISAR! Opostos aos dois tipos anteriores, estes têm o foco na ovelha, em gente. Se doam e se deixam gastar pelas ovelhas do Senhor. Seguindo o exemplo do Supremo Pastor, Jesus, fazem como o “pastor samaritano da parábola”. Estão nos púlpitos, pregando o Evangelho, orientando e ensinando a palavra; mas, também, nos gabinetes ao lado dos que necessitam de aconselhamento. Estão junto às ovelhas nas suas celebrações e ações de graças; mas, também, nos lares, nas enfermarias, nos CTIs, orando com os enfermos e levando-lhes uma palavra de conforto e esperança. Ao invés de saquear, ou se alienar, disponibilizam a si próprios e, a tudo que têm, no ministério que

receberam do Senhor das ovelhas. Fazem a obra como quem tem que prestar contas ao Senhor das ovelhas.

Finalmente, é preciso alertar que não raramente você encontrará pastores que estão vivendo muito longe do que é esperado do ofício. Alguns podem até ter começado com sinceridade e humildade, comprando livros com dificuldade, vestindo roupas surradas, dependendo da ajuda dos irmãos para concluir seus cursos teológicos. Infelizes são aqueles que, no decorrer dos anos, passam a ver o ministério pastoral como profissão e não mais como vocação e missão divinas. Passam a dar foco no seu sustento e não no sustento da obra de Deus; na organização eclesiástica e não no corpo vivo de Cristo. Enchem-se de teologia e de vãs filosofias humanas, passando a pregá-las em lugar da Bíblia, que deixa de ser texto para se tornar pretexto. Suas vidas e pregações são como “o bronze que soa” ou como o “címalo que retine”; pastores “que se apascentam a si mesmos” (Ez 34.2). Chegam a se considerarem indispensáveis e insubstituíveis, do tipo que pensa, “sem mim eles nada poderão fazer”. Ao invés de promoverem libertação e edificação, trazem escravidão e destruição.

O que se espera de um crente em Cristo Jesus é que ele não seja ingênuo, principalmente se fizer parte da liderança da igreja: “... *sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas.*” (Mt 10.16b). Assim, percebam a existência dos seguintes tipos de pastor, dentre outros:

3.2. Pastores autênticos

a) Pastor “Samaritano”

“Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração, que vos apascentem com conhecimento e com inteligência.” (Jr 3.15)

Este é o verdadeiro pastor, com cheiro de ovelha, conforme ilustrado na “parábola” anterior. Vejam como eles são e agem na interpretação da “parábola”.

3.3. Pastores limitados

a) Pastor Religioso

“...pastores que a si mesmos se apascentam; nuvens sem água impelidas pelos ventos; árvores em plena estação dos frutos, destes desprovidas, duplamente mortas, desarraigadas;” (Jd 12)

Este é um pastor com muitas limitações, conforme ilustrado na “parábola” anterior. Vejam como eles são e agem na interpretação da “parábola”.

b) Pastor Showman

“Convém que ele cresça e que eu diminua.” (Jo 3.30)

Também é conhecido como Animador de Auditório. É aquele que faz do púlpito um palco, com muitos espetáculos. O cativar da atenção e a promoção de entretenimento gospel assumem o protagonismo no culto, enquanto a exposição da palavra de Deus busca mais massagear o ego do ouvinte do que denunciar o pecado, do que expor a necessidade de santificação e pureza para se manter a comunhão com um Deus três vezes Santo, Puro e Justo.

c) Pastor Humorista

“mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios;” (1Co 1.23)

Alguns também o chamam de pastor palhaço, o que soa um pouco forte. Vamos combinar que o culto não é para parecer um velório; pode e deve ser leve, descontraído e participativo. Vamos combinar que ser sisudo não é, e nunca foi, marca de espiritualidade e maturidade na fé. Nada contra buscar a proximidade, interação, acolhida e a descontração do povo de Deus através da mensagem, provocando algum riso, na hora do culto. O problema é encarar o auditório como uma plateia que precisa responder com risos em todo o tempo. A mensagem de Deus muitas vezes é dura e precisa nos conduzir à contrição e arrependimento de pecados.

d) Pastor Cover

“Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados;” (Ef 5.1)

Cover é um substantivo masculino e feminino. Por definição, pessoa ou grupo de pessoas que imita um artista, cantor ou banda famosa. Que faz imitações ou trabalha formalmente imitando outras pessoas, especialmente pessoas famosas. Você pode não acreditar ou nunca ter percebido, mas existe pastor assim. Eu já vi. Eles renunciam ao seu jeito próprio de ser e de pregar e passam a imitar (jeito de se expressar, modulação de voz, termos usados, estilo, entonação das frases etc) pastores e pregadores “famosos”, que arrebatam multidões. Uma coisa é um pastor auxiliar da equipe, pelo convívio diário, assimilar algumas características do pastor titular. Outra coisa é o pastor cover se espelhar no seu “pastor ídolo” e imitá-lo a fim de ganhar projeção.

e) Pastor Legalista

“Atam fardos pesados e difíceis de carregar e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los.” (Mt 23.4)

O pastor legalista é aquele que valoriza mais a letra da lei do que a essência da lei. Os fariseus do tempo de Cristo representam bem esse tipo de gente. Colocam a lei debaixo do braço e andam de um lado para o outro julgando tudo e a todos (Mt 23.2). Eles têm a tendência de focar mais o exterior das pessoas do que o interior. Estão mais preocupados com a forma do que com o conteúdo e encontram pecado com muita facilidade. Por outro lado, é óbvio que estando na era da Graça o crente não pode dar lugar às concupiscências da carne. É preciso ter muita sabedoria para lidar com as pessoas, pois essas são mais importantes do que determinadas amarras legalistas.

f) Pastor Populista

“Porventura, procuro eu, agora, o favor dos homens ou o de Deus? Ou procuro agradar a homens? Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo.” (Gl 1.10)

Ao contrário do pastor legalista, o pastor populista tende a ser muito liberal e tolerante. Não são muitas as pessoas que têm sensibilidade suficiente para perceber a existência de um estilo de liderança populista. Porém, certamente todos sofrerão as consequências desastrosas de tal estilo, mesmo que não entendam a causa. Naturalmente que a questão não se limita apenas a “estilos”, mas às implicações ou consequências da prática de um ou outro tipo de estilo. A referência e desafio que se coloca aqui é que os líderes exerçam uma liderança cristã, e não uma liderança populista. Nos referimos a líderes cristãos, de um modo geral, mas, principalmente,

a pastores, missionários e oficiais de igreja (presbíteros e diáconos). Quando alguns desses líderes concorrem em eleições democráticas a cargos e ofícios, a questão se torna mais séria. Isto porque muitos serão tentados a adotarem um estilo populista para obterem votos suficientes para serem eleitos ou reeleitos. Certamente, quem sairá perdendo é a instituição, particularmente aqui, a igreja. Não devemos permitir prosperar, no meio da igreja de Cristo, esse tipo reprovável de liderança populista. A igreja deve caminhar firme, centrada em Cristo, e não em líderes populistas.

g) Pastor Acadêmico

“A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas.” (1Co 12.28)

Muito se espera de um pastor; que ele seja um pregador, um evangelizador, um ensinador, um teólogo, um conselheiro, um psicólogo, um terapeuta de família, um administrador, um advogado etc. Não é pequeno o desafio de atender a tantas expectativas, algumas até não muito legítimas. No entanto, é importante que ele seja um pastor com “cheiro de ovelha”, isto é, alguém que caminha junto ao rebanho que Deus lhe confiou. O pastor acadêmico é aquele mais vocacionado para a área acadêmica, para a área do ensino. Ele se sente realizado dando uma aula no seminário ou na igreja. Não se sente tão confortável e realizado cuidando de gente. Assim, tende a ser um excelente professor de seminário, com dom de mestre, mas um pastor de igreja limitado.

h) Pastor Autoajuda

“Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.” (Hb 5.14)

O pastor autoajuda é aquele que, de certa forma, segue a linha dos palestrantes e escritores de autoajuda da sociedade secular. As suas pregações são carregadas de conteúdo de autoajuda ou de ajuda do alto. São selecionados e expostos textos bíblicos que ilustrem situações de vitória ou exitosas, complementados com exemplos positivos e milagrosos de casos do dia a dia, tudo sempre envolto ou embrulhado com forte apelo emocional e motivacional. Sua maior preocupação não é falar de Cristo, evangelizar para a salvação e ensinar o conteúdo bíblico para preparar para a vida cristã. Entendemos que a mensagem pastoral precisa ter um conteúdo muito mais racional, mas, também, emocional. O primeiro alimenta e fortalece a mente; o segundo fortalece a psique e encoraja para o enfrentamento dos desafios da vida.

i) Pastor “Isentão”

“Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca;” (Ap 3.16)

Nesses tempos de pós-modernidade, de final dos tempos, em que se dá o avanço das pautas globalistas e progressistas que pretendem desconstruir nossa herança judaico-cristã, percebe-se a eclosão da figura do pastor “isentão”, isto é, aquele pastor que vive numa bolha eclesial e não se expressa quanto a essas pautas, omitindo-se e deixando de orientar, com base bíblica, a igreja, no que se refere a esses temas. São desprovidos daquela coragem e palavra profética contundente dos profetas do AT, que não tinham medo de denunciar o pecado, com aquela autoridade divina – “Assim diz o

Senhor". Por que sair da sua zona de conforto e se envolver nessas polêmicas, se as suas cômputas já estão garantidas e sua família suprida? Pois é, quando se derem conta da sua inércia diante do avanço das trevas a liberdade de culto ou a liberdade de se expressarem já terão sido cassadas.

Alguns dos principais temas dessa pauta ou agenda progressista, a serem combatidos, são:

- Falsa defesa dos pobres, dos trabalhadores e da redução das desigualdades, apenas como pretexto para receber voto (chavão populista).
- Desconstrução da família e do direito de propriedade.
- Falsa preocupação com a preservação do meio ambiente (chavão populista).
- Defesa irracional das minorias (sem a consistente argumentação lógica e humana).
- Legalização do aborto.
- Descriminalização das drogas.
- Defesa irracional da igualdade de gênero (sem a consistente argumentação lógica e humana).
- Desconstrução da heteronormatividade.
- Defesa da ideologia de gênero, agênero, gênero não-binário etc.

Certamente que o púlpito não é lugar para discursos políticos, filosóficos e outros do gênero. É sim lugar de exposição da palavra de Deus e da sã doutrina, com vistas a salvação, edificação e glorificação a Deus. Porém, a mensagem precisa ser contextualizada e usada para esclarecer e orientar o povo de Deus naquelas temáticas que os afetam direta ou indiretamente. Há que se ter isenção política, mas não pode silenciar naqueles aspectos de interesse do cotidiano da membresia.

j) Pastor Politiqueiro

“Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas?” (2Co 6.14)

O pastor politiqueiro é aquele que não consegue se manter distante dos políticos. Talvez, não exatamente com o nobre propósito de evangelizá-los, mas para estreitar relações visando contar com eles em alguma causa futura. Eles são convidados para celebrações na sua igreja e, até lhe dão direito a voz, nessas ocasiões. É triste, mas é verdade! É claro que não devemos manter um clima de hostilidade em relação a eles, principalmente se forem pessoas de bem; mas, daí, a “profanar o culto sagrado” para paparicá-los, não é admissível!

k) Pastor Enrolador

“... antes, seja o vosso sim sim, e o vosso não não, para não cairdes em juízo.” (Tg 5.12b)

Parece mais fácil descrevê-lo do que encontrar um título mais adequado para identificá-lo. Ele pode ter boa formação intelectual e teológica. Pode ser inteligente, relacional, comunicativo, bom gestor, bom pregador e bom pai de família. Ele pode assumir muitos cargos e receber muitos títulos. Enfim, ele impressiona muita gente pelo que aparenta ser, pois sabe projetar bem sua imagem. Então, qual o problema dele? O problema é que ele não tem tanta credibilidade assim; ele não é cem por cento honesto com as pessoas. Na solução de conflitos, quando lida com pensamentos divergentes, ele tem extrema habilidade de perceber a situação e dizer aquilo que as pessoas querem ouvir. A mentira, a falsidade, a ocultação da verdade são usadas sem pudor, desde que concilie a situação e faça-o sentir-se como O CONCILIADOR! Misericórdia, Senhor!

3.4. Pastores repulsivos

São “pastores” cuja existência e atuação são danosas e prejudiciais ao Reino de Deus, gerando repulsa.

a) Pastor ganancioso

“Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores.” (1Tm 6.10)

Este é um pastor repulsivo, conforme ilustrado na “parábola” anterior. Um explorador financeiro. Vejam como eles são e agem na interpretação da “parábola”.

b) Pastor ilusionista

“Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores.” (Mt 7.15)

É aquele que ilude e engana as pessoas com amuletos de proteção, objetos ungidos empoderados para realizar milagres e unções para diversos fins. Eles fazem as pessoas se apegarem a credices e superstições que passam longe da Bíblia. Também enganam os seus seguidores testemunhando falsos milagres ou falsas situações em que Deus teria agido sobrenaturalmente, tudo para evidenciar suposto poder ou autoridade espiritual. São falsos profetas, lobos travestidos de pastores.

c) Pastor Narcisista

“Eu sou o SENHOR, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura.” (Is 42.8).

“Indivíduos narcisistas são caracterizados por fantasias irreais de sucesso e senso de serem únicos e superiores, hipersensibilidade à avaliação de outros, exagero de suas capacidades e talentos, sentimentos de autoridade, esperam tratamento especial, têm necessidade de atenção, são arrogantes e apresentam comportamentos autorreferentes.”³. Eles são ególatras, gostam de ser paparicados, bajulados e cultuados. Não reconhecem que Deus não divide a sua glória com outros (Is 42.8). Em vez de trabalhar para que Deus seja glorificado, labutam em prol da sua própria glória.

d) Pastor Marketeiro

“de graça recebestes, de graça dai.” (Mt 10.8b)

É aquele que está sempre promovendo algum produto que lhe permita auferir lucro financeiro. Não há aqui qualquer referência a pastores sérios que escrevem bons livros ou gravam CDs ou DVDs. De certa forma entendo que tais escritores deveriam gerar mais livros digitais gratuitos que possam edificar o povo de Deus. Há muito mercantilismo no meio evangélico que subtraem recursos dos irmãos e pode gerar escândalo.

e) Pastor Inclusivista

“porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e sim para a santificação.” (1Ts 4.7)

³ Internet

É o pastor que está mais preocupado em promover a inclusão do que preservar a sã doutrina ou manter pura a esposa do Cordeiro. É capaz de reinterpretar e adaptar a doutrina bíblica conforme sua conveniência. É favorável a aproximação ecumênica sem considerar que não pode haver comunhão da luz com as trevas. É habilidoso na acomodação de situações pecaminosas vividas no âmbito da membresia para não perder adeptos. É capaz de afrouxar as exigências bíblicas para incluir pessoas. Usam frequentemente textos fora do contexto e lançam mão da “teologia reversa”, aquela que parte do HOJE para a BÍBLIA, isto é, estabelece hoje algumas linhas de pensamento, conceitos, estruturas e doutrinas, muitas vezes copiando e acompanhando a sociedade secular, o mundo, e, então, tentam construir algum respaldo bíblico para isso, normalmente bizarro e fora do contexto. Os defensores da Teologia Liberal também se encaixam nesta mesma linha de ação.

3.5. Pastores e Lobos

Pastores e lobos têm algo em comum: ambos se interessam e gostam de ovelhas, e vivem perto delas. Assim, muitas vezes, pastores e lobos nos deixam confusos para saber quem é quem.

No entanto, não é difícil distinguir entre um e outro:

- ✓ Pastores buscam o bem das ovelhas, lobos buscam os bens das ovelhas.
- ✓ Pastores vivem à sombra da cruz, lobos vivem à debaixo de holofotes.
- ✓ Pastores têm fraquezas, lobos são poderosos.
- ✓ Pastores são ensináveis, lobos são donos da verdade.
- ✓ Pastores têm amigos, lobos têm admiradores.
- ✓ Pastores vivem de salários, lobos enriquecem.
- ✓ Pastores vivem para suas ovelhas, lobos se abastecem das ovelhas.

PERFIL PASTORAL

- ✓ Pastores apontam para Cristo, lobos apontam para si mesmos e para a igreja deles.
- ✓ Pastores são pessoas reais, lobos são personagens religiosos caricatos.
- ✓ Pastores ajudam as ovelhas a se tornarem adultas, lobos perpetuam a infantilização das ovelhas.
- ✓ Pastores são simples e comuns, lobos são vaidosos e especiais.
- ✓ Pastores se deixam conhecer, lobos se distanciam e ninguém chega perto.
- ✓ Pastores alimentam as ovelhas, lobos se alimentam das ovelhas.
- ✓ Pastores lidam com a complexidade da vida sem respostas prontas, lobos lidam com técnicas pragmáticas com jargão religioso.
- ✓ Pastores vivem uma fé encarnada, lobos vivem uma fé espiritualizada.
- ✓ Pastores se comprometem com o projeto do Reino, lobos têm projetos pessoais.
- ✓ Pastores são transparentes, lobos têm agendas secretas.
- ✓ Pastores dirigem igrejas-comunidades, lobos dirigem igrejas-empresas.
- ✓ Pastores pastoreiam as ovelhas, lobos seduzem as ovelhas.
- ✓ Pastores buscam a discrição, lobos se autopromovem.
- ✓ Pastores se interessam pelo crescimento das ovelhas, lobos se interessam pelo crescimento das ofertas.
- ✓ Pastores ajudam as ovelhas a seguir livremente a Cristo, lobos geram ovelhas dependentes e seguidoras deles.
- ✓ Pastores constroem vínculos de amizade, lobos aprisionam em vínculos de dependência.

Abram bem seus olhos, ovelhas!!!!

(Autor desconhecido)

PARTE 2 – O PERFIL DO PASTOR

“E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado.” (At 13.2)

Em muitas situações difíceis, inclusive na escolha de um novo pastor para a igreja, seria tão bom ouvir a voz do Espírito Santo, clara e audível, apontando o nome escolhido por Deus. Quando isso não acontece tão explicitamente, só nos resta muita oração e ação, para que o Senhor nos conduza a bom termo, ao centro da sua vontade.

Como parte dessa ação, é sempre bom poder contar com um perfil pastoral como referência. Infelizmente, há pessoas que julgam equivocadamente a ideia do estabelecimento de um perfil pastoral. Quando ele é tão extenso como o apresentado a seguir, os menos tolerantes a normas e regras ousariam sugerir que nem o Senhor Jesus Cristo atenderia a tantos requisitos.

Antes de prosseguir é bom ressaltar que tal proposta de perfil pastoral é apenas um balizamento, uma referência, uma ideia geral que serve para nortear as características da pessoa a ser escolhida.

Vejamos, a seguir, a essência do perfil pastoral elaborado pela comissão dividido em três grandes tópicos: (i) Princípios Bíblicos; (ii) Princípios Constitucionais; e, (iii) O pastor “segundo o coração de Deus”.

4. PRINCÍPIOS BÍBLICOS DO MINISTÉRIO PASTORAL

4.1. Pastor - Referências bíblicas

Pastor originariamente era a pessoa encarregada de cuidar de rebanho de ovelhas com a missão de alimentar, saciar, proteger, defender, curar e guardar as ovelhas. Abel foi pastor como pastor foram os patriarcas, desde Abraão até Jacó e seus filhos. *“Como pastor, apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos e os levará no seio; as que amamentam ele guiará mansamente.”* (Is 40.11). A dedicação permanente do pastor ao rebanho tornou-se imagem clássica da providência divina (1Sm 17.15, 34-36; Sl 23.1-4; Jo 10.11-16). O salmista conclamou o povo a celebrar e servir com júbilo ao Senhor; a apresentar-se diante dele com cântico; e justifica: *“Sabei que o Senhor é Deus; foi ele quem nos fez, e dele somos; somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio.”* (Sl 100.1-3). O profeta Jeremias proclamou com muita clareza, em nome do Senhor: *“Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração, que vos apascentem com conhecimento e com inteligência”* (Jr 3.15). Muitas referências bíblicas apontam a figura do antigo pastor de ovelhas na pessoa de Jesus Cristo, o Senhor da Igreja. De igual forma, assim como os senhores dos rebanhos confiavam o pastoreio de suas ovelhas aos próprios filhos, ou a servos experientes, assim o Senhor Jesus confiou o cuidado do seu povo aos apóstolos, aos discípulos e aos oficiais vocacionados para este ministério, *“E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres,”* (Ef 4.11). Cumprindo as profecias, especialmente de Ezequiel 34.11-16, Jesus – Mestre e Senhor – declarou-se o bom pastor, conforme registra o evangelho em João 10.1-16. Jesus cumpriu as inúmeras profecias anunciadas no AT e instituiu a igreja que seria por ele mesmo organizada após sua morte e ressurreição, com sua interveniência direta, através do Espírito Santo, e a deixou sob a liderança dos apóstolos e presbíteros.

4.2. Pastor – Pessoa vocacionada

Pastor vocacionado é aquele que é chamado por Deus para uma missão relevante. O pastor precisa ter consciência vertical do chamado de Deus, como se encontra registrado pelo profeta Jeremias: *“Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações.”* (Jr 1.5). E mais, diz o profeta Jeremias registra *“... porque a todos a quem eu te enviar irás; e tudo quanto eu te mandar falarás. [...] Eis que ponho na tua boca as minhas palavras.”* (Jr 1.7 e 9).

4.3. Pastor – Qualificação neotestamentária

O apóstolo Paulo em cartas a Timóteo e a Tito (1Timóteo 3.1-7 e Tito 1.5-9), filhos na fé, e, também o apóstolo Pedro (1Pe 5.1-4), em carta universal aos eleitos, indicam a qualificação dos bispos ou presbíteros ou anciãos, que se aplicam perfeitamente ao pastor de igreja, sendo necessário que o pastor seja:

- Apto para ensinar (1Tm 3.2; Tt 1.9);
- Cordato (1Tm 3.3; Tt 1.7);
- Espontâneo, de boa vontade, não sendo de sórdida ganância, nem manipulador, nem dominador, conforme ensinou o apóstolo Pedro (1Pe 5.2);
- Esposo de uma só mulher; *“e que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?)”* (1Tm 3.2; Tt 1.5);
- Evangelista fiel e zeloso na pregação da Palavra;
- Hospitaleiro (1Tm 3.2; Tt 1.8);
- Inimigo de contendas, antes seja promovedor da paz (1Tm 3.3);
- Irrepreensível (1Tm 3.2; Tt 1.5);
- Não avarento (1Tm 3.3);
- Não dado ao vinho (1Tm 3.3; Tt 1.7);

- Não seja neófito, “para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo” (1Tm 3.6);
- Não violento, posicionando-se sempre ao lado do diálogo e da solução (1Tm 3.3; Tt 1.7);
- Que tenha bom testemunho dos de fora “a fim de não cair no opróbrio² e no laço do diabo.” (1Tm 3.7). Isto significa não cair em degradação social ou em motivo de vergonha para o povo de Deus;
- Temperante, sóbrio, modesto (1Tm 3.2; Tt 1.8);
- Visitador - tratando a todos com igual carinho, inclusive aos mais humildes. (1Tm 3.2-7; 2Tm 4.1-5 e Tt 1.6-9; 1Pe 5.2-4).

4.4. Pastor – Missão bíblica neotestamentária

Em Atos dos Apóstolos 20.28, encontra-se preciosa referência sobre a missão dos pastores e presbíteros: *“Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue.”*

Depois, na primeira carta do apóstolo Pedro, outra referência explícita: *“Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, [...] pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade, nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho.”* (1Pe 5.1-3)

E, também, na segunda carta do apóstolo Paulo à Timóteo: *“prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina.”* (2Tm 4.2).

4.5. Pastor – Virtudes bíblicas

Não há dúvida de que no perfil bíblico do pastor que uma igreja aspira não podem faltar as seguintes virtudes:

- **Bondade** - como virtude e ornamento permanente (Gl 5.22-23; Sl 23.6);
- **Mansidão** - que seja cordato, não violento especialmente quando contrariado, adepto e praticante do diálogo, revelando sempre a mansidão nos posicionamentos (1Tm 3.3; Tg 3.13);
- **Alegria** - como bom despenseiro da multiforme graça de Deus, o pastor deve ser pessoa normalmente alegre e demonstrar alegria costumeiramente no semblante e nos pronunciamentos, sempre que possível revelando seu prazer em estar na Casa do Senhor (Rm12.15; Sl 100.2; 122.1; 1Pe 4.13);
- **Amor Incondicional** - deve ser uma pessoa que goste de gente e dedique amor fraternal ao próximo; que cuide bem do seu próprio corpo, zelando por sua saúde e apresentação sempre discreta, sóbria; que dispense amor fraternal a todos, especialmente aos da família fé (Gl 6.10);
- **Identificação com a membresia** – o pastor conhece as ovelhas e elas o identificam pela voz e por outros sinais, e o seguem. Em uma das muitas viagens que o Rev. Guilhermino Cunha fez à Israel ouviu de um especialista, que o pastor de ovelhas, de tanto ficar junto delas, acaba contraindo e exalando cheiro forte, “inhaca” de ovelha (Jo 10.1-5);
- **Companheirismo** – o pastor anda com as ovelhas. Ele as acompanha e as conduz com responsabilidade, orientando-as e guiando-as com dedicação, resgatando as desgarradas (Jo 10.1-16);

PERFIL PASTORAL

- **Devotamento** - não negligente ao serviço diário do pastoreio do rebanho (1Tm 4.14);
- **Lealdade e transparência** - dentre as muitas virtudes, a lealdade e a transparência precisam ser pilares da estrutura da personalidade do crente como bom filho e bom cidadão e, especialmente do pastor (Dt 32.20);
- **Sobriedade** – deverá ser um homem sóbrio e irrepreensível diante de Deus e dos homens (1Ts 5.8);
- **Coragem e moderação** - para cuidar e defender as ovelhas (2Tm 1.7);
- **Vigor físico** - determinação pessoal para o serviço, à semelhança do jovem filho de Jessé, da cidade de Belém da Judéia, que tirando de sobre si as vestes e armaduras de Saul - o rei - saiu a pelejar contra um gigante, em resposta às afrontas e ameaças ao povo de Deus, e o derrotou (1Sm 17.12, 38-40);
- **Confiança no Senhor do rebanho** – Jesus Cristo, à exemplo da demonstrada pelo jovem Davi ao repreender o filisteu Golias (1Sm 17.45 e 47);
- **Desprendimento** - não ganancioso em relação aos acenos e apelos do mundo; não avarento, porque onde estiver o tesouro do homem aí também estará o seu coração (Mt 6.21; 1Pe 5.2-4);
- **Fé e submissão** - à soberania de Deus, o Criador de todas as coisas, Senhor das ovelhas (1Pe 5.5);
- **Inteligência** - faculdade de ouvir, compreender e resolver problemas, especialmente os que resultem de relacionamentos humanos (Pv 17.24; Lc 8.15);
- **Conhecimento** - não como repertório de saberes codificados, mas como domínio de instrumentos, linguagens, argumentos e recursos para facilitar a convivência e a comunicação da Palavra de Deus (Fp 1. 9-11);

- **Habilidade no manuseio da Palavra de Deus** - habilidade no uso e para bem instruir e edificar os crentes (2Tm 2.15);
- **Sabedoria** - identificação com o Senhor da igreja para que possa dele receber sabedoria do alto, sabedoria de Deus (Ec 7.11-12; 1Co 1.24; Lc 21.15; Tg 1.5-8; Tg 3.13-17);
- **Competência** - adquirida nos estudos seculares e teológicos, na prática diária e na capacitação divina (Dn 1.4);
- **Aptidão para ensinar** - como presbítero docente⁴, seja apto para ensinar (1Tm 3.2);
- **Cultivo da piedade e da oração** - que seja crente piedoso, afeito a oração nas entrevistas e nas visitas pastorais, (1Tm 2.1-3);
- **Mordomia** - cuidado e prudência com a mordomia dos bens próprios e da igreja, inclusive com a mordomia do tempo no uso da palavra, tanto no púlpito quanto fora dele (Lc 12.38-46);
- **Vida familiar** - que seja preferencialmente casado e que o casal se ame, permitindo-lhe cumprir o que o apóstolo Paulo recomendou a Timóteo, e que lhe sirva de referência salutar (1Tm 3.4 e 5).

5. PRINCÍPIOS CONSTITUCIONAIS DO MINISTÉRIO PASTORAL

Neste tópico serão considerados os aspectos estabelecidos na Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil (CI/IPB). Trata-se, naturalmente, de uma visão denominacional, que certamente será útil para irmãos não presbiterianos, ainda que não sejam totalmente aplicáveis em seus arraiais.

⁴ Na Igreja Presbiteriana do Brasil o pastor é designado de “presbítero docente”, enquanto os oficiais presbíteros são designados de “presbítero regente”.

5.1. O chamado de Deus

A CI/IPB define a vocação para o exercício pastoral de uma forma clara e direta:

Art.108 – *“Vocação para ofício na Igreja é a chamada de Deus, pelo Espírito Santo, mediante o testemunho interno de uma boa consciência e a aprovação do povo de Deus, por intermédio de um Concílio.”*

5.2. As responsabilidades constitucionais do pastor

- **Doutrina, governo e beneficência**

O artigo 25 da CI/IPB define as funções do pastor e dos oficiais na igreja: *“A Igreja exerce as suas funções na esfera da doutrina, governo e beneficência, mediante oficiais que se classificam em: a) ministros do Evangelho ou presbíteros docentes; b) presbíteros regentes; c) diáconos.”*

- **Filiação do pastor**

O pastor efetivo será membro da Igreja que pastoreia para fins civis e legais.

Art. 27, §2º da CI/IPB – *“Para atender às leis civis, o ministro será considerado membro da Igreja de que for pastor, continuando, porém, sob a jurisdição do Presbitério”.*

- **Sobre os ministros do evangelho**

O Capítulo IV da CI/IPB, toda a Seção 2ª, refere-se aos ministros do evangelho.

Art.30 – *“O Ministro do Evangelho é o oficial consagrado pela Igreja, representada no Presbitério, para dedicar-se especialmente à pregação da Palavra de Deus, administrar os sacramentos, edificar os crentes e participar, com os presbíteros regentes, do governo e disciplina da comunidade.*

Parágrafo Único - Os títulos que a Sagrada Escritura dá ao ministro, de Bispo, Pastor, Ministro, Presbítero ou Ancião, Anjo da Igreja,

Embaixador, Evangelista, Pregador, Doutor e Despenseiro dos Mistérios de Deus, indicam funções diversas e não graus diferentes de dignidade no ofício.”

- **As funções privativas do ministro**

A CI/IPB define as funções que somente o Ministro pode exercer ou delegar explicitamente a outro pastor:

Art.31 - *“São funções privativas do ministro:*

- a) administrar os sacramentos;*
- b) invocar a bênção apostólica sobre o povo de Deus;*
- c) celebrar o casamento religioso com efeito civil;*
- d) orientar e supervisionar a liturgia na Igreja de que é pastor.”*

- **As expectativas pessoais relativas ao Ministro**

O Art. 32 da CI/IPB apresenta um sumário do que se espera quanto aos aspectos pessoais do pastor da Igreja:

“O ministro, cujo cargo e exercício são os primeiros na Igreja, deve conhecer a Bíblia e sua teologia: ter cultura geral; ser apto para ensinar e são na fé; irrepreensível na vida; eficiente e zeloso no cumprimento dos seus deveres; ter vida piedosa e gozar de bom conceito, dentro e fora da Igreja.”

- **As atribuições constitucionais do Ministro**

O Art. 36 da CI/IPB descreve as principais responsabilidades do pastor da Igreja, quando do exercício de suas funções ministeriais.

“São atribuições do ministro que pastoreia Igreja:

- a) orar com o rebanho e por este;*
- b) apascentá-lo na doutrina cristã;*
- c) exercer as suas funções com zelo;*
- d) orientar e superintender as atividades da Igreja, a fim de tornar eficiente a vida espiritual do povo de Deus;*
- e) prestar assistência pastoral;*
- f) instruir os neófitos, dedicar atenção à infância e à mocidade, bem como aos necessitados, aflitos, enfermos e desviados;*

g) exercer, juntamente com os outros presbíteros, o poder coletivo de governo.

Parágrafo Único - Dos atos pastorais realizados, o ministro apresentará, periodicamente, relatórios ao Conselho, para registro.

- **As relações com os demais pastores**

As relações do pastor com os demais pastores da igreja, do Presbitério ou de outros concílios e igrejas, sejam eles auxiliares, eméritos, colaboradores, visitantes ou outros, devem ser mantidas de forma cordial, respeitosa e amável, como convêm a um cristão “nascido de novo”. Quanto ao pastor emérito, o Art. 44 da CI/IPB e seu parágrafo estabelece:

“Ao ministro que tenha servido, por longo tempo e satisfatoriamente, a uma Igreja, poderá esta, pelo voto da assembleia e aprovação do Presbitério, oferecer-lhe, com ou sem vencimentos, o título de Pastor-Emérito.

Parágrafo Único - O Pastor Emérito não tem parte na administração da Igreja, embora continue a ter voto nos concílios superiores ao Conselho”.

6. O PASTOR “SEGUNDO O CORAÇÃO DE DEUS”

A caracterização do perfil do pastor, “segundo o coração de Deus”, desejado pela igreja é abordada neste tópico levando em consideração três aspectos distintos:

- litúrgicos e doutrinários;
- da gestão eclesial e da administração; e,
- das características pessoais.

6.1. Aspectos Litúrgicos e Doutrinários

Dentre os aspectos litúrgicos e doutrinários que devem caracterizar o perfil do pastor para o exercício do ministério pastoral da igreja, citam-se os seguintes:

a) Aceitação da Bíblia Sagrada

Aceitação de toda a Bíblia Sagrada como sendo a única regra infalível de fé e prática, escrita por mãos humanas sob a inspiração do Espírito Santo e que toda a Escritura, do Antigo e do Novo Testamentos, foi escrita para nossa orientação e edificação espiritual.

b) O sistema presbiteriano

Entendimento de que somos uma igreja presbiteriana, reformada e calvinista, que adota como sistema expositivo de doutrina e prática a Confissão de Fé de Westminster e os Catecismos Maior e Breve.

c) A finalidade da igreja

Aceitação de que a igreja tem por fim prestar culto a Deus, em espírito e verdade, evangelizar e “ensinar os fiéis a guardar a doutrina e prática das Escrituras Sagradas na sua pureza e integridade, bem como promover a aplicação dos princípios de fraternidade cristã e o crescimento de seus membros na graça e no conhecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

d) A liturgia de uma igreja presbiteriana, reformada e calvinista

Entendimento de que a liturgia no culto a Deus deve ser seguida com equilíbrio. Manutenção das práticas litúrgicas, em conformidade com os Princípios de Liturgia da IPB, entendendo que o culto público é um ato religioso, através do qual o povo de Deus adora o Senhor, sendo uma ocasião para a proclamação da mensagem redentora do Evangelho de Cristo e para a doutrinação e conagração dos fiéis.

e) Diversidade litúrgica

Aceitação de que a liturgia dos cultos deve levar em consideração a diversidade das expressões culturais da igreja, garantindo a participação dos diversos segmentos representativos que compõem a membresia da igreja, sem perder o espírito de reverência e adoração ao Deus Eterno.

f) Ordem litúrgica

Conhecimento e aceitação de que as liturgias que são adotadas pela igreja levam em consideração as características de seus diversos cultos, sendo que, deles devem constar a leitura e pregação centrada na Palavra de Deus, cânticos e louvores espirituais, orações, ofertório e ministração dos sacramentos.

g) Louvor - A música e os cânticos corais e congregacionais

Aceitação de que a música na igreja, instrumental ou cantada, deve ser entendida e interpretada como louvor ao Deus Eterno e como arte divina.

O cântico coral constitui um dos patrimônios espirituais da igreja e que deve ser preservado e incentivado. Respeitar a prática da participação dos corais nos cultos e eventos da igreja, devendo constituir um compromisso do pastor.

As diversas expressões musicais são muito bem-vindas e devem ser aproveitadas sem, contudo, chegar a excessos, tudo com ordem e reverência, sob a direção e coordenação da área de Música.

h) Ofertório

Manutenção da prática de realização do momento do ofertório nos cultos como sendo um ato litúrgico de fidelidade do povo de Deus e consagração dos dízimos e ofertas para a obra do Senhor.

i) Pregação da Palavra de Deus

Compromisso com a fidelidade na pregação da Palavra, uma das principais características das igrejas herdeiras da Reforma Protestante do Século XVI. O culto presbiteriano ao Deus Eterno estrutura-se em sólida base na Bíblia Sagrada – cheio de inserções da Escritura com leitura de textos bíblicos, cânticos de hinos, exposição da Mensagem, orações, tudo em ambiente de reverência e clima de adoração a Deus. A Mensagem deve ser Cristocêntrica, porque só Jesus Cristo salva. A programação deve dar oportunidade para que Deus fale ao coração do seu povo através do Espírito Santo.

j) Postura e apresentação pessoal

Entendimento de que a postura e apresentação pessoal do pastor da igreja sejam compatíveis com a sua missão, inclusive nos atos de culto de adoração a Deus; que o pastor se apresente com aparência bem cuidada e com aparência física bem cuidada.

k) Docência pastoral

Empenho adequado da docência pastoral para orientar a igreja também quanto à mordomia da contribuição através dos dízimos e ofertas, bem como a se manter em oração silenciosa antes do culto e durante o poslúdio. Unidade no essencial, liberdade nos não essenciais e amor em tudo – deve permear a docência pastoral da igreja. Desconfiança e cautela para com as inovações e os modismos. Todo ensino e doutrina não fundamentados na Bíblia Sagrada devem ser rejeitados por constituir abominação ao Senhor da igreja.

l) Usos e costumes no púlpito sagrado

Entendimento de que o púlpito ocupa lugar central no culto, segundo a doutrina presbiteriana. Ele constitui o local onde a Palavra é pregada e, por conseguinte, o pastor é o responsável pelo respeito ao seu uso. É atribuição do pastor zelar para que o púlpito

expresse com singeleza, correção e pureza os ensinamentos bíblicos, adequando todas as partes do culto ao ensino da Palavra.

m) Governança da igreja

Entendimento de que o próprio Senhor Jesus Cristo instituiu e determinou a natureza, objetivos e governo da sua igreja e que Jesus Cristo é o cabeça da igreja e a fonte de toda a doutrina e autoridade, conforme se encontram na Bíblia Sagrada. Cristo exerce autoridade e domínio sobre a sua igreja por meio da Palavra de Deus e do Espírito Santo. Ao conselho da igreja, constituído de pastores e presbíteros, compete exercer o governo espiritual e administrativo da igreja, velando atentamente pela fé, vida espiritual e comportamento dos crentes, de modo que não negligenciem os seus privilégios e deveres.

E ele mesmo, Cristo, *“concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres”* (Ef 4.11). Em Atos dos Apóstolos 14.23, encontra-se a recomendação para que houvesse em cada igreja, a eleição de presbíteros como homens experientes destinados a presidir, participar da administração, pastoreio e do governo da igreja. (1Pe. 5.1-2).

O pastor deve estar consciente de que estará sujeito aos princípios doutrinários e às normas contidas nos documentos legais aprovados pelos concílios presbiterianos. Somos uma igreja democrática, representada por oficiais eleitos, ordenados e instalados. Democracia representativa como base da autoridade de governo.

6.2. Aspectos da Gestão Eclesiástica e da Administração

Entende-se como gestão eclesial os aspectos que envolvem, de alguma forma, a área espiritual da Igreja, cuja visão e ação do pastor se tornam importantes. Descreve-se, a seguir, os aspectos esperados nessas áreas, especialmente os seguintes:

a) Dedicção à igreja

Dedicção integral e exclusiva às atividades ministeriais e eclesiais da igreja pode ser um requisito básico para algumas igrejas, porém não necessariamente para outras.

b) Governança da igreja

Reconhecimento e aceitação de que a governança da igreja é competência do Conselho do qual o pastor é presidente nato.

c) Ênfase ministerial

- Nas áreas de evangelização, missões e plantação de igrejas;
- Na oração como submissão dos crentes à ação de Deus na vida e fortalecimento da igreja;
- Na visitação aos membros da igreja, especialmente aos novos membros, aos doentes, aos ausentes, aos visitantes e aos membros afetivos;
- Na educação cristã, em especial à EBD e outros projetos de ensino;
- No trabalho e educação das crianças, adolescentes, e jovens incentivando-os, inclusive os intercâmbios;
- Ao ensino da música instrumental e ao canto coral na igreja;
- Na consolidação da família, inclusive no aconselhamento de casais, clínica pré-nupcial, matrimonial e outras;
- Na preservação das sociedades internas da igreja.

d) Atenção especial

- Ao acolhimento e recepção fraterna aos membros da igreja, aos visitantes e novos membros;
- A utilização dos recursos e meios de comunicação social e divulgação do evangelho e das atividades da igreja

através do Boletim Dominical, som, imagem, TV, vídeos, mídia eletrônica em geral;

- Ao agendamento de atividades da igreja e na igreja, de forma a evitar omissões e conflitos de datas e horários;
- A doutrina do sacerdócio universal dos crentes, estimulando-os à inserção nas atividades dos diversos ministérios e comissões existentes e a serem criadas na igreja;
- Aos cultos semanais, de forma a dinamizar a frequência e participação da igreja;
- À Junta Diaconal em suas atividades de ordem nos cultos e ação social;
- Ao fomento dos oficiais presbíteros e diáconos no exercício do ensino bíblico e do discipulado;
- Ao controle do patrimônio da igreja; móveis e imóveis;
- Aos eventos anualmente promovidos pela Igreja ou por suas sociedades internas, especialmente;
- Aos projetos de ação social da igreja; internos e externos;
- Aos serviços de segurança eficaz das diversas áreas e atividades da igreja, inclusive com sistemas de câmeras e monitoramento.

e) Visão e empenho

- Na habilidade de indicação de conselheiros, mentores espirituais e representantes, para que sejam vocacionados para o exercício destas funções junto aos diversos segmentos de atividades e sociedades internas da igreja e autarquias;
- Na prospecção de alternativas para a geração de novos espaços para atender a demanda da igreja, com cuidados especiais com os atuais espaços visando à melhoria da ambiência;
- Na prospecção dos fenômenos sociais contemporâneos, especialmente os religiosos, sem comprometer as

características da igreja como uma comunidade cristã, calvinista e reformada;

- Na gestão eficaz, delegando atribuições nas áreas administrativas, em conformidade com os princípios e procedimentos da gestão aprovada pelo conselho;
- Na atualização e manutenção dos cadastros internos, compreendendo as Sociedades Internas e o Rol de Membros;
- Na promoção de constante atualização e adequação da estrutura organizacional e administrativa da igreja, de forma a mantê-la moderna, adequada, profissionalmente capaz e eficiente, com incentivos ao trabalho voluntário.

6.3. Aspectos das Características Pessoais do Pastor

a) Tenha alma pastoral

Acolhedor. Bom relacionamento. Amável. Conselheiro. Disponível. Busque as ovelhas. Estenda a mão. Voltado para as pessoas. Dedicção especialmente ao pastoreio. Pacificador. Saiba ouvir. Seja humano, humilde. Assista à igreja como a uma família. Fale para as pessoas simples e para os “letrados”. Deixe-se conduzir pelo Espírito Santo. Tenha visão da santidade e da santificação. Ser pastor, além de pregador e tribuno. Servo que conduza a igreja em conformidade com a Palavra de Deus. Coração alegre. Coração na obra da igreja. Coração pastoral.

b) Exerça liderança agregadora e estimuladora de vocações.

Agente estimulador. Busque harmonia. Agregador. Construtor de lideranças. Discipulador. Liderança no trabalho em equipe. Capacidade de ouvir críticas e delas extrair lições. Facilidade de relacionamentos. Postura positiva sempre ao lado da solução. Manutenção das atividades e serviços que se revelarem produtivos.

c) Dinamismo – que tenha personalidade dinâmica

Agente proativo. Mobilizador e não centralizador. Dinâmico. Capacidade de lidar com os conflitos buscando soluções pacíficas e benéficas para as partes envolvidas.

d) Envolvedor e apoiador das sociedades internas da igreja

Presença nas sociedades internas. Aberturas para bom relacionamento com as crianças, adolescentes e jovens, além dos adultos; animador nato. Ênfase nas ações sociais da igreja.

e) Cultivador da espiritualidade

Fidelidade à Palavra de Deus. Praticante da oração. Visitador da membresia como oportunidade de leitura e breve exposição bíblica e prática da oração, com celebração da Santa Ceia. Participante das reuniões de oração e das vigílias de oração.

f) Comprometimento com o sistema presbiteriano

Tenha plena consciência da Soberania de Deus sobre tudo e sobre todos e da Bíblia como única regra infalível de fé e prática. Ter comprometimento pessoal com a IPB e seus concílios. Participar da vida conciliar da IPB.

g) Representatividade social

Tenha plena consciência de sua missão profética na representatividade social, inclusive no meio evangélico local, regional e nacional, sem perder a visão de que onde estiver estará, também, a igreja. Presença na mídia escrita, de som, televisiva e eletrônica, sempre que possível e oportuna, com posicionamentos que reflitam os princípios e pensamentos da igreja.

h) Cultura teológica

Que seja bacharel em teologia, formado preferentemente por seminário teológico presbiteriano. Desejável que seja portador de

certificado ou diploma de curso completo de mestrado ou doutorado em ciências teológicas, ciências da religião ou áreas afins.

i) Cultura geral e línguas

Que tenha cultura geral, com dedicação à leitura e que busque constantemente o aperfeiçoamento intelectual. Bom domínio da literatura e língua portuguesa e fluência desejável na língua inglesa.

j) Vida familiar

Que a vida familiar do pastor seja bem estruturada, tenha esposa crente fiel; e que, de preferência, não seja divorciado.

k) Domínio de linguagens e tecnologias.

Que use e incentive o uso de modernas tecnologias na divulgação do evangelho para bem exercer a função de sal da terra e luz do mundo recomendadas pelo Senhor da Igreja.

CONCLUSÃO

A exposição acima não tem o propósito e a pretensão de esgotar o assunto. Pode ser o ponto de partida para um aprofundamento ainda maior.

Terminamos aqui com o que denomino de “**oração da ovelha**”:

Oh, Deus, dá-nos sempre pastores

1. Segundo o teu coração e dispostos a fazerem a tua santa, boa e agradável vontade;

PERFIL PASTORAL

2. Verdadeiramente regenerados e ungidos pelo teu Santo Espírito;

3. Chamados e vocacionados por ti para pastorearem o teu rebanho;

4. Mestres e praticantes, comprometidos com a tua Palavra e a Sã doutrina;

5. Que não se deixem seduzir pelo adultério ou pelo dinheiro ou pela tentação do poder e nem pelos poderosos deste mundo;

6. Que cultivem a humildade, buscando tão somente a tua glória e não a deles próprios;

7. Que invistam e concentrem tempo e talentos na tua obra;

8. Que trabalhem para atender, não as vontades, mas as necessidades dos santos;

9. Que tratem a todos sem acepção de pessoas;

10. Que apoiem os crentes sacerdotes, no exercício dos seus dons e, principalmente, na sua missão e tarefa de evangelizar o mundo.

Em nome de Jesus e para a tua glória!

Sola Scriptura, Sola Gratia, Sola Fide, Solus Christus, Soli Deo Gloria

“Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração, que vos apascentem com conhecimento e com inteligência.” (Jeremias 3.15)



**Primeira Edição
FEV/2021**